

# Colônia, neocolônia, pesadelo sem fim: em memória de Bruno e Dom

Pàulo Alves de Lima Filho<sup>1</sup>



Foto (reprodução)

A colônia foi concebida para a realização de uma única ordem social, a ordem do capital. Foram criadas para o gáudio exclusivo dessa relação social, para a produção de valores para a produção de valores. A ordem social colonial viria a ser o império exclusivo do acumulador de capital, senhor do escravo e de todas as demais relações sociais, por sua vez vassalo do poder metropolitano, que lhe garantia efetividade e realização como classe. Ele é o predador universal de tudo e de todos.

O Vale do Javari, primeiro afluente da margem direita do Amazonas, quando este deixa de ser Solimões, se constituiu em espaço colonial, sob controle distante do poder nacional, porém, de fato, *espaço neocolonial* aderente ao destino comum da República Federativa, para uso e domínio exclusivo dos capitalistas nacionais e multinacionais e sua rede criminosa de empreiteiros nativos ou não: madeireiros, pescadores, garimpeiros, traficantes de drogas e todo o tipo de conglomerados do crime organizado.

---

<sup>1</sup> Coordenador do IBEC e Editor da Revista Fim do Mundo. | [palf1951@gmail.com](mailto:palf1951@gmail.com)



Essa ordem econômica miliciana do crime, por sua vez, comanda a reprodução social e política da região. É o estado real que comanda o estado das coisas, a ordem vigente. Ordem não somente predadora, mas criminosa – relativa ao estado nacional oficial – dado que seu neo-bandeirantismo opera contra todas as leis do país e, conseqüentemente, contra todos os que ousam violá-la.

Esta é implacável ameaça que persegue, caça, prende, sequestra, mata, esquarteja e incinera seus inimigos. Tal modo de reprodução social criminosa, mantém-se intacto. O assassinato de lideranças populares não cessa e o sistema neocolonial fica impune. A ordem despótica do capital não é desmontada, convive parasitaria e complementarmente com a ordem nacional e milita em todas as instituições do país, em todos os poderes, do município ao executivo federal. Esta ordem singular do capital, ordem regional, é extensão da ordem particular, nacional, ambas se retroalimentam. Prefeitos, vereadores, promotores de justiça, deputados estaduais e federais, senadores, governadores, ministros, pertencem à singularidade criminosa e militam na ordem nacional oficial. A ordem colonial anda de braços dados com a ordem neocolonial.

A colônia neocolonial dos bandidos e a neocolônia continental federal pertencem a um único complexo do capital, sob o influxo de sua adequação à nova ordem mundial deste, que oferece às regiões e nações a liquidação da soberania de seus estados, assim como a liquidação dos próprios estados nacionais. Dessa forma, a neocolônia amazônica do Vale do Javari é parte plena, imanente, desse processo histórico.

Do mesmo modo, a ordem neocolonial nacional, sempre que ameaçada, real ou supostamente, reage na justa medida da ordem neocolonial regional: ameaça, persegue, prende, sequestra, mata, esquarteja e incinera seus inimigos. Condenado na ditadura pelo glorioso exército nacional, o corpo do dirigente comunista Nestor Veras chegou sem um braço ao forno crematório, situado em uma antiga fábrica, tal como nos conta o capitão Guerra em suas memórias. Assim é que o processo de liquidação de seus inimigos, por parte do Brasil oficial, em nada fica devendo aos inimigos da república, atende ao mesmo padrão despótico, bandeirante, imperioso, exclusivista, bárbaro. Moderno, hipermoderno, hiperpredador e genocida.

Aos que lutam pelo Brasil independente, cabe a extinção; aos que estão no poder da República Federativa, cumpre com mão bélica eliminar crônica e sistematicamente seus inimigos. Bruno Pereira Araújo e Dom



Philips, cada um a seu modo, lutavam pelo Brasil. Por uma pátria independente, soberana, popular e democrática. Manter a floresta amazônica em pé, proteger os povos indígenas e o império das leis federais, e, desse modo, conservar a saga da humanidade na história, tal como está na Constituição de 88, é o projeto do Brasil. Seu assassinato bem expressa os horizontes da República Federativa que luta para destruir seu estado, se avassalar diante do rei capital e às suas demandas assassinas.

O pesadelo ditatorial, não cessa, o complexo de relações assassinas que nos governa foi gestado em seu ventre. O assassinato de nossos militantes brasileiros, seja de que etnia sejam, é o presente que ela nos oferece neste dia, que nos ensombrece e pereniza a longa noite de nossa desgraça nacional.

Não nos enganemos, este é o legítimo inferno do capital que nos coube nesta ordem mundial capitalista desde o século XVI. Inferno que não se extingue, não amaina, não arrefece ou desata, que bebe nosso sangue para manter a produção de imensa riqueza atada à miséria da maioria, que nos mantém em sua ordem democrática restrita e em redução, que nos tange na história nacional, feito gado marruá, feito uma sina particular na história da humanidade.

Só a democracia das maiorias, pelas maiorias e para as maiorias será capaz de desatar esse nó, o nó do complexo de relações do capital que nos sujeita à sua pequenez e violência devastadora, à sua miséria, ao cafajestismo delinquente que hoje nos governa e determina esta longa e terrível regressão contrarrevolucionária.

A República Federativa mostrou mais uma vez a sua cara, enterrou os corpos mutilados e incinerados de dois guerreiros na selva e lama do Brasil. Que as cinzas de seus corpos esquartejados adubem a nossa luta com a esperança da revolução redentora, aquela que, enfim, faça do Brasil uma terra sem amos, de paz, saúde, inteligência e alegria, a revolução democrática radical que quebre os elos centenários do capital que nos humilham, que enfim nos emancipe desse torpe destino neocolonial.

Somente a firme decisão das maiorias de emancipar-se da miséria capitalista romperá o encantamento secular que as prende a ela. Só a luta por uma democracia radical fará com que o Brasil conquiste sua plena soberania, passo decisivo à transição anticapitalista.

*São Paulo, junho de 2022*

